

Título: Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata.

Hamilton Werneck

Equipe de produção:

Projeto gráfico: Bruno Cruz

Revisão de provas: Andréa Carvalho

Capa: Rodrigo Murtinho

CATALOGAÇÃO NA FONTE: Departamento Nacional do Livro

W491s

Werneck, Hamilton, 1942 -

Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata / Hamilton Werneck. — Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

104 p.; 17cmxll,5cm.

ISBN 85-7490-034-6

1. Avaliação educacional - Brasil. 2. Professores e alunos — Brasil. 3. Educação — Brasil I. Título.
CDD - 370.981



Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, seja reprográfico, fotográfico, gráfico, microfilmagem, etc. Estas proibições aplicam-se, também às características gráficas e/ou editoriais.

A violação dos direitos autorais é punível como crime, (Código Penal, art. 184 e §§; Lei 6.895 de 17/12/1980), com busca e apreensão e indenizações diversas (Lei 9.610/98, **Lei** dos Direitos Autorais, arts. 111-124 e 126).

DP&A EDITORA

Rua Santo Amaro, 129 - Santa Teresa
22211-230- Rio **de Janeiro-RJ-BRASIL**

Tel/fax.(21)232.1768
e-mail: dpa@dpa.com.br
home page: www.dpa.com.br

Impresso no Brasil: 2000

Sumário

Apresentação

para ler e usar na universidade ou segundo Grau 07

- 1 - A falácia da Curva de Gauss 11
- 2 - Amassando a curva 15
- 3 - O currículo mata 24
- 4 - A quantidade satura 32
- 5 - Afinal, o que é qualidade? 44
- 6 - A utilidade anima 53
- 7 - A atualização motiva 57
- 8 - A reprovação compromete a Instituição 61
- 9 - Os pontos fortes dos alunos 67
- 10 - A escola do futuro 73
- 11 - Mudando paradigmas 77
- 12 - Sombreamento 83
- 13 - Abatimento 88

14 - Prostração 91

15 - Ânimo e persistência 93

16 - Educação gerada na esperança 99

Obras do autor 101

Apresentação

Para ler e usar na Universidade ou segundo grau

Este livro foi escrito para servir de leitura extensiva ou individual, em cursos de educação ou disciplinas de formação pedagógica dos cursos diferentes de pedagogia, em psicologia da educação, ou então, avaliação do rendimento escolar. Ele serve a todos os educadores e aos alunos em formação para o magistério.

Possuindo dezesseis capítulos, o professor poderá usar duas horas/aula para cada capítulo e, assim, completará um curso de 32 horas num período letivo.

O melhor processo para o estudo do livro é seguir as orientações dos capítulos finais de *Prova, Provão, camisa de força da educação*, do mesmo autor, publicado pela Editora Vozes.

A avaliação da leitura a ser feita pelo professor poderá obedecer às orientações contidas no *Prova, provão*. Será, para o professor da disciplina, uma

excelente experiência de como avaliar enquanto se faz o trabalho de leitura e debate acerca do tema abordado neste livro.

O enriquecimento da leitura poderá contar com outros especialistas que, participando de plenários, trarão contribuições à avaliação escolar.

O livro tem uma tendência multidisciplinar, servindo, conforme os cursos, a várias cadeiras ao mesmo tempo. Assim, vários professores poderão adotá-lo, ficando para cada um a abordagem específica de sua disciplina. Isso não impede um grande seminário ao final da leitura e debates para culminar o trabalho.

Estrutura e funcionamento do ensino, sociologia da educação, psicologia da educação, estatística, psicopedagogia, didática são algumas disciplinas sugeridas para a adoção como leitura complementar.

O autor deseja que os educadores estejam convencidos de que, sem auto-estima, os alunos terão grande dificuldade de assimilar os conceitos novos que a escola ou universidade estiverem propondo.

Este é um livro para animar o educando a partir do convencimento do educador de que é impossível,

9

com tristeza e infelicidade, aprender prazerosamente alguma coisa.

Façam bom **proveito** é o **que** desejo. **No final** conversaremos.

Atenciosamente,

O autor

11

Capítulo 1

A falácia da Curva de Gauss

Bastava, do horário, constar aula de estatística, para surgir o comentário sobre a curva de Gauss, ou curva normal. Todos se lembram da média, da mediana e da moda que, nessa curva, estavam no mesmo ponto. Para provar a normalidade de quase todas as coisas, os professores mostravam aos alunos que um caminhão derramando areia da caçamba ao chão provocava um monte semelhante ao desenho da curva de Gauss e, assim, sucessivamente, todos os fenômenos estariam reduzidos à curva famosa que acompanhou estudantes de estatística e pedagogos que se limitavam aos gráficos e números para justificar a situação de seus alunos.

A maior parte dos elementos da amostra, os alunos, por exemplo, estavam na região normal. Acima do primeiro desvio positivo estavam os mais bem dotados e, abaixo do primeiro desvio

negativo, os menos dotados, geralmente os reprovados naquela disciplina.

Mas, como tudo na vida era reduzido à curva, bastava conseguir um desenho semelhante que o professor ficava satisfeito com os resultados, afinal de contas tudo estava normal, e como todos os fenômenos humanos deixavam um grupo acima e outro abaixo do normal, nada mais perfeito que o desenho da curva de frequência dos resultados de uma avaliação de caráter tecnicista.

Qualquer professor tecnicista, daqueles que têm o lado esquerdo do cérebro cheio de massa cinzenta, e o lado direito absolutamente vazio, ficaria satisfeito e eufórico com um resultado tão significativo em termos estatísticos.

Números e linhas, curvas e pontos justificavam e satisfaziam os anseios pedagógicos de um ensinante completamente desligado do aprendente. Ali estava a prova incontestável de um sólido resultado.

Nada mais fácil para justificar as reprovações de uma escola como sendo algo normal. Existiriam sempre reprovações se as avaliações fossem normais.

Nesse domínio da normalidade que não se preocupava com a criatividade, nem com o tempo, muito menos com as pessoas que estavam envolvidas e com os métodos, transcorria o processo tecnicista de aprender podendo-se fazer alguma comparação do tipo correlação bisserial entre um teste e outro. Se a correlação fosse positiva, maior ainda a prova de que tudo estava certo, maior a tranquilidade e a absoluta segurança dos mestres.

Creio que Gauss jamais pensou que traria colaboração tão nefasta à educação. Certamente ele, na sua postura científica, não poderia imaginar que seu instrumento fosse aplicado às pessoas coisificando-as, enquanto se conseguia um argumento para excluí-las dos processos de aprender.

Para que tudo dê certo nessa curva temos de estabelecer situações normais. A normalidade encontrada nas escolas com essa conotação era a de determinar tempos iguais para que todos aprendessem o mesmo conteúdo. Tempos iguais para quantidades iguais. Essa é a ferramenta principal da seleção estribada no critério, dito justo, já que é igual para todos.

Assim, juntando critérios ”justos”, relativos ao tempo, à quantidade dos conteúdos e às especificações dos objetivos instrucionais, chegava-se ao auge da organização de uma tecnologia instrucional capaz de reprovar com ”justiça”.

Mas essa curva é uma falácia porque supõe critérios iguais de tempo. Como estamos lidando com pessoas, reunindo cada uma sentimentos, inteligências variadas e contexto próprio, concluímos pelas diversidades existentes, ou melhor, pelas diferenças individuais.

Se nos centrarmos na pessoa humana daquele que aprende, podemos diversificar o tempo e nesse momento a curva recebe uma grande martelada, modificando-se completamente. Sobre isso vamos tratar no capítulo seguinte.

15

Capítulo 2

Amassando a curva

Sabe o que acontece quando aumentamos o tempo ou diminuimos a quantidade dos conteúdos ou mudamos os objetivos? A curva pode levar uma martelada e ficar completamente louca. Vamos observar uma curva, considerada normal, quando estabelecemos tempos iguais para conteúdos iguais, onde todos são submetidos dentro da mesma camisa de força. O resultado aí está:

A parte hachurada da curva representa o grupo dos não-aprovados. Determinou-se assim o ponto de partida e encontrou-se um ponto de chegada, aparentemente lógico em função dos objetivos e altamente injusto em se tratando de seres humanos com diferenças inúmeras.

Se mudarmos o tempo, estabelecermos mais tempo para aqueles alunos que custam mais a assimilar os conteúdos ou perceber os objetivos que pretendemos atingir, teremos certamente resultados curiosos. Por exemplo: todos podem chegar aos objetivos. Então, em vez de curva, os resultados poderiam ser do seguinte modo: (Desenho demonstrando que todos podem chegar, a seu jeito.)

Mas, diria um professor tecnicista:

— Assim não vale, isso é injusto porque uns tiveram mais tempo que os outros, e foram mais beneficiados. Seria dar o prêmio da corrida de mil metros para todos os que conseguissem essa façanha em dez minutos.

Somente pensa assim aquele professor que tem a cabeça cheia de competição e de necessidade de classificação de seus alunos, do primeiro até o último, com ênfase no último. Não nos interessa a classificação na comparação do professor tecnicista ranheta, quem chegou antes e quem chegou depois; a nós interessa que o maior número possível chegue aos objetivos, aprenda, consiga, logre êxito. O tempo fica a nosso serviço assim como sua administração e as quantidades. O mais importante é ter um sistema ótimo, ou seja, um sistema que consiga ensinar e verificar o aprendizado, sem distorções, do maior número possível de estudantes.

A educação peca pelos paradigmas de tempo e quantidade de conteúdos. Nós sabemos que algumas séries avançam mais depressa, outras não. Quem deve administrar isso? O professor, a orientação pedagógica da escola. O que enterra a pedagogia é essa mania desenfreada de normalização e uniformização, todos tendo que aprender dentro de um determinado tempo.

Como nosso título refere-se à situação de um hospital, podemos continuar a brincadeira ingressando num ambiente hospitalar e estabelecendo um tempo igual para todos os doentes ficarem curados e deixarem a casa. Desprezaríamos

as diferenças individuais de convalescença e, em pouco tempo, esse hospital estaria com resultados semelhantes às escolas: alguns saindo até antes do tempo, os ditos pacientes normais, dentro da média, e os demais estariam mortos porque seriam obrigados a se curar dentro de um tempo préestabelecido.

Na comparação percebemos o absurdo da prática; no entanto, essa prática é comum, é o regime comum às escolas brasileiras, exceto aquelas que se preocupam com a pessoa do aluno, suas dificuldades e suas características peculiares.

Mas apesar de tudo o que foi dito certamente alguns podem pensar que essa prática é errada porque a vida não é assim. Se você chegar depois da hora, perde o metrô ou o trem, se chegar atrasado ao serviço será descontado, e assim por diante. Pois bem, a maneira paradigmática de ver a situação já está superada há muitos anos porque se você perder um trem ou metrô, haverá outro, ou então, mudando de sistema, você chegará ao seu destino de ônibus. As fábricas costumam oferecer o café da manhã e com isso conseguem fazer com que operários cheguem na hora. Se isso é feito numa região com carência alimentar, duas coisas podem ser atingidas: melhoria de padrão alimentar e maior produção, sem necessidade de controle e brigas

intermináveis entre chefes de setor e seus funcionários. Trata-se de mudar o padrão, ver com olhos mais modernos, ver com os olhos dos que acreditam nas variações existentes entre os seres humanos.

Uma experiência do escotismo pode nos ensinar um pouco: os orientadores do movimento escoteiro no Brasil preferiam o sistema de alvorada como se todos os meninos estivessem aquartelados. Daí passavam à ginástica coletiva, troca de roupa, café coletivo, arrumações de barracas e formatura para a bandeira. O sistema inglês do fundador é diferente. Baden Pawel sugere um momento para acordar que pode ser determinado pelo grupo, não necessitando de toque de alvorada. No entanto, deixando cada grupo livre para realizar as tarefas, ficava estabelecido que em determinada hora todos deveriam estar prontos para a inspeção do campo e formatura para a bandeira. Havia um tempo que poderia ser administrado pelos meninos. Equipes mais bem preparadas podiam se dar o luxo de dormir mais e fazer os serviços com maior rapidez, os menos preparados teriam de levantar um pouco mais cedo para dar conta das tarefas. Nesse processo, os tempos eram diferentes conforme a capacidade técnica de cada equipe. O estímulo esteva em aprender mais e melhor para descansar um pouco mais no dia seguinte.

O processo despadronizava e, com isso, dava a martelada na curva.

Se nós estabelecemos, de antemão, que haverá uma competição em que um grupo será o primeiro, o outro, o segundo e o outro o terceiro, e o prêmio somente será concedido ao grupo que ficar em primeiro lugar, já determinamos que o esforço de grupos de menor experiência não será premiado. Isso é desanimador. Por isso mesmo a escola é uma fábrica de desanimados.

Vamos mudar esse paradigma, vamos dar oportunidade a todos, fazendo o que o escotismo faz: na inspeção de campo na parte da manhã estabelece-se um nível mínimo para cada equipe receber a sua bandeirola de eficiência. Por exemplo, no primeiro dia de acampamento o nível seria de 60% de desempenho, no segundo 70%, no terceiro 80% e no último dia 90%. Pode acontecer que todos recebam a bandeirola todos os dias, alternando as posições. Sempre haverá estímulo ao esforço porque o que se deseja é exatamente que todos aprendam de modo prazeroso. Isso um acampamento faz e uma escola não faz. Quando se transforma um acampamento em escola mata-se o escotismo e esse movimento de formação da juventude foi

fundado em 1907 muito antes de se falar em construtivismo dialético ou interacionista.

Mudar o paradigma é uma necessidade. Tome um martelo emprestado e achate essa curva famigerada e fixe a preocupação no aprendizado do maior grupo possível.

O QUE VOCÊ VAI FAZER AGORA?

1. Analisar os conteúdos e objetivos traçados.
2. Verificar o estado de preparação de seus alunos.
3. Estabelecer um tempo flexível para que aprendam.
4. Na medida em que perceber que necessitam de mais tempo, conceda-o.
5. Vá controlando os resultados, reajustando objetivos até que todos dominem os assuntos.

O QUE VOCÊ NÃO VAI FAZER AGORA?

1. Sem conhecer seus alunos, estabelecer o quanto vão aprender no primeiro bimestre.
2. Marcar suas avaliações ao longo do ano como se todos avançassem com a mesma velocidade.
3. Predeterminar quando vai acabar cada unidade.
4. Dar-se por satisfeito com uma reprovação de uns 10% porque está estribado num processo organizado.

Se você fizer tudo o que foi indicado para não fazer, certamente você não é um professor, deve ser um burocrata daqueles muito atrasado. Você está entre aqueles que formam o time dos obstaculizantes e dos excludentes.

Vamos lá, pense um pouco, quais são os seus professores ou quais foram os seus professores que trabalhavam na sala de aula conforme você se orientou para fazer? Escreva o nome deles se você se lembrar:

Estabeleça uma data para começar a pensar no processo de mudança. Se você responder que isto acontecerá em algum dia é bom saber que essa data não existe no calendário. A melhor ocasião é AGORA!

-”Muitas vezes a *escola* se apresenta aos alunos como um pesado elefante. a primeira impressão deixada para o estudante é de alguma coisa impossível de ser ultrapassada, poucos terão a alegria e a certeza de poder enfrentar esse peso, mais próximo do desgosto do que da felicidade!

Capitão 3

O currículo mata

Os cursos possuem currículos e os profissionais apresentam os seus envolvendo tudo o que fizeram na vida. Neste último caso não se envolve somente o currículo escolar mas a experiência de vida profissional e demais cursos que facilitem a capacitação da pessoa como profissional preparado para os novos tempos. Essa expressão "novos tempos" não é nova, sempre teremos um novo tempo, amanhã será um novo tempo. Nós nos referimos aos novos tempos como uma mudança de métodos, processos e estruturas. O profissional que se procura para esse período da história é um profissional preparado para o imprevisível, com muita experiência e capaz de unir lógica à intuição. Deve, portanto, ter seu currículo, e entregará às empresas.

Mas, por que o currículo mata? Porque os currículos escolares servem mais para reprovar crianças nos países subdesenvolvidos que, propriamente, prepará-las para

a vida na sociedade e no trabalho. Os currículos contradizem o velho ditado latino: *Non scholae sed vitae discimus*, não aprendemos para a escola mas para a vida. Os nossos currículos fazem exatamente o contrário. Sabe-se para fazer prova, decora-se para passar em testes, aprendem-se macetes para dar conta de processos mais complicados e, o mais importante, ou seja, o preparar-se para a vida, não existe dentro das salas de aula e dentro das escolas. Então, para que serve, de fato um currículo escolar, na prática pedagógica? Serve para essa morte dos alunos. Os currículos são desatualizados e não têm utilidade. Perceba, você, aluno ou professor quantas vezes estudou coisas enormes, quantidades que não cabiam em cadernos e quantos livros você foi obrigado a comprar e nunca usou... Pense e escreva nas linhas abaixo o que se pede:

1. *Quais os livros que você comprou e ficaram novinhos em sua casa?*
2. *Pense e escreva os assuntos que você estudou e nunca teve oportunidade de usar em sua vida.*

3. *Agora escreva o que você gostaria de ter estudado e não lhe foi permitido.*

Se você fosse discutir com a sua escola, ou se seus pais fossem discutir com o diretor da escola sobre as suas dúvidas curriculares, dificilmente seriam atendidos porque a escola está construída em cima de alguns pilares, e se esses pilares desaparecerem, ela, como está, desaparecerá junto.

Senão, vejamos:

ESCOLA

COLUNA 1 CURRÍCULO

COLUNA 2 PROGRAMA

COLUNA 3 NOTA

O currículo atrasado e defasado da realidade desanima os alunos e não os motiva a estudar. O programa muito velho não cria ambiente favorável ao interesse pelo aprendizado, mas deve ser seguido, seja pela falta de criatividade, seja pela pouca ousadia em ver se aquele conjunto de conceitos não estão fora da' realidade histórica. A nota é a necessidade para se manter a disciplina, obrigar a estudar toda a parafernália sem sentido e poderosa arma para favorecer ou impedir às pessoas subirem *na* vida. '

Se esses três elementos forem modificados teremos uma outra escola. A que aí está não sobreviverá. Os professores que se acostumaram a esse sistema não terão condições de sobreviver no magistério. Portanto, quem se preparou para a escola velha deve estudar novas coisas para se adaptar à nova escola.

Quais seriam as características de um novo currículo? Duas, em primeiro lugar: atualidade e utilidade.

Pronto, esta última palavra foi o suficiente para um professor e até dos bons fechar o livro. Dirá ele em sua consciência: "Esse escritor é utilitarista, certamente um mecanicista, bem capaz de estar ligado a essa tal de

qualidade total, a esse capitalismo neoliberal. Agora tudo deve ser útil, também a escola. É o fim dos tempos.”

Meu caro leitor disseste-o bem, é o fim dos tempos!

É o fim dos tempos de sua escola, será o fim de sua carreira, se não houver mudança. Você poderá parar a leitura, encostar este livro num canto, queimá-lo na sua churrasqueira como bruxas eram queimadas na Idade Média. Tome-o, portanto, em sua mão, se você for um inquisidor e queime que com você acontecerá outra coisa: há muita escola brechó por aí e não faltará um lugar para você que não se atualizou. Lá, tudo será como antes, as apostilas estarão ensebadas, as fichas dos professores serão as mesmas da aula, prova na cadeira de didática nos tempos de faculdade...

O currículo mata. É verdade. Mas como poderíamos transformar esse currículo escolar de modo que ele pudesse fazer retornar a vida às escolas, para que existisse um novo tempo, uma nova escola, um novo aluno e um novo professor?

Analisando o contexto estudantil vamos verificar com os professores e com os alunos o que mais serviria para que progredissem na sociedade e trouxessem progresso para o meio em que vivem. Quais disciplinas seriam importantes para a vida deles e dentro de cada currículo o que poderia ser deixado de lado e o que deveria continuar. Mas é preciso quebrar em definitivo a estrutura préestabelecida de que os pré-requisitos devem ser ministrados; muitos deles só servem como pré-requisitos. Assim nada será mudado.

Cada disciplina é ministrada para atender à corporação dos docentes, enquanto a sociedade é muito maior que qualquer corporação de docentes.

Peguem um bisturi pedagógico e cortem fundo.

Busquem atividades que desenvolvam a criatividade, o raciocínio, muito mais que as quantidades de exercícios e matérias lecionadas, preparem atividades que desenvolvam as possibilidades de parcerias, do trabalho em equipe e quebrem essa estrutura de que o aprendizado se dá individualmente. Preparem um

currículo que permita organizar programas de leitura, visitas, relatórios, observações e movimento.

Intercalem atividades individuais e de grupo. O aprendizado associativo exige que os alunos aprendam e possam, imediatamente, passar para os outros o que aprenderam.

E as disciplinas novas? Que coisas diferentes devem ser lecionadas e aprendidas? Como ecologia e saúde devem entrar no currículo? O que serve, de geografia e história? Qual a matemática que desenvolve o raciocínio e tem utilidade prática na vida?

Assim, fazendo perguntas a você mesmo ou a seus colegas e verificando as reações de seus alunos, o currículo e o programa poderão ser organizados de modo mais adequado às várias realidades. A escola será mais nova, os alunos, certamente, mais motivados e a vida acadêmica muito mais feliz.

Mais vida, menos morte!

Se pintássemos os olhos de alguns educadores, deveríamos estabelecer que, em cada olho, deveria existir uma bandeira de comando da chegada dos carros de fórmula 1. Eles transpiram competição o tempo todo, se pudessem criariam sistemas de chegada, com ganhos e perdas para TODOS OS ALUNOS A CADA BIMESTRE.

Para esses educadores é impossível que todos aprendam!

Capítulo 4

A quantidade satura

Experimente empilhar todos os livros usados no segundo grau de sua escola ou, então, empilhe as apostilas usadas no mesmo período, junte a isso os materiais distribuídos pelos professores e veja que você irá precisar de uma fita métrica com um metro e meio para verificar a altura de todo esse material. Tudo isso você deverá ler durante o segundo grau. Os nossos alunos têm uma velocidade de leitura para informação de, aproximadamente, 150 palavras por minuto. O resultado: não há tempo sequer para ler essa quantidade de coisas.

Nosso segundo grau exige um absurdo dos estudantes, em termos quantitativos, todos devem estar aptos em todas as áreas de conhecimento, como se todos, indistintamente, tivessem grau máximo nas múltiplas inteligências pesquisadas. O resultado disso

é o desânimo dos adolescentes e a completa entrega e desleixo diante de dificuldades que se apresentam como impossíveis de serem superadas.

Nessa situação, o estudo em vez de ser um processo de renovação da pessoa passa a ser uma tortura das inteligências. Acaba-se assim, via currículo quantitativo, com a felicidade no ato de aprender porque obriga-se o aluno a aprender o que gosta e o que não gosta, o que é necessário e o absolutamente desnecessário, o atualizado e o desatualizado

A consequência desse processo é o funil desumano que se estabelece, na medida em que poucos conseguem vencer essa barreira, ficando prejudicados em seus avanços com consequências econômicas desastrosas para o país.

Aqui vale discutir a questão econômica nas relações da escola com a economia. A sociedade de economia localizada na primeira onda, tipicamente agrícola, é uma sociedade que não necessita de educação disseminada, se pensar com os parâmetros daqueles velhos tempos de uma agricultura de *plantation*.

Mesmo assim, os que pensaram na disseminação da educação conseguiram mais vantagens econômicas, portanto, o elitismo defendido pelas sociedades de

primeira onda não cabe dentro de uma sociedade de terceira onda, como já verificamos na América Latina. Quando discutimos uma sociedade industrial, de segunda onda, podemos pensar em dois tipos de sociedade: aquela que cria, inventa e produz e aquela que repete na sua produção o que foi criado pelos outros. Ora, uma sociedade para criar e inventar precisa de educação mais disseminada, enquanto a outra, que somente repete, pode ainda sobreviver em estágios atrasados e superados por algum tempo. No caso das sociedades da América Latina, incluindo-se nesse rol o Brasil, estabeleceu-se um sistema repetidor e não criativo. Antes, desenvolveram os mesmos sistemas deixados pelos colonizadores na agricultura: produziam, em primeiro lugar, para a metrópole e, somente depois, para si mesmos.

Os países localizados nas regiões de colônias de povoamento prosperaram mais que as regiões de colônias de exploração. Onde havia povoamento, havia mais educação, e na outra parte ela era deixada para depois. Por isso uns prosperaram, outros não.

A manutenção do elitismo na educação, impedindo que ela fosse levada à grande massa da população, estabelecia o sistema de acesso às vantagens existentes na sociedade. O progresso de cada um ficava determinado pelo nível de seu diploma.

Os países mais atrasados que ainda defendem esse sistema, ou ainda, as regiões dentro de cada país com esse atraso, só conseguem manter a educação nas mãos das elites se organizada dentro de um sistema educacional altamente saturado, como se exigissem de seus atletas um comportamento de um competidor de decatlo. Surge e se mantém a quantidade saturante, para que seja mantida a elitização incompatível com o progresso e exigências de uma sociedade moderna.

Hoje, o que se vê é uma região do mundo atrasada, com uma indústria produzindo a custos elevados porque as máquinas são ultrapassadas; e, ao mesmo tempo, uma doutrina econômica neoliberal acenando para a abertura de fronteiras entre vários países, para a quebra das barreiras alfandegárias. Quem poderá sobreviver, agora, a essa onda neoliberal senão os que privilegiaram a educação, criando nos cidadãos as capacidades de se adaptarem às circunstâncias novas da produção? É nesse ponto que perdemos a corrida ou teremos de investir pesado, tirando, não sei de que cofre, o dinheiro para facilitar a superação das etapas da corrida educacional. Se isso não ocorrer, a nossa distância em relação aos desenvolvidos será muito maior que a anterior.

Se a quantidade satura, quem poderia ajudar nesse processo de enxugamento, facilitando o aprendizado dos alunos? Evidente que o professor. Mas este

professor, por sua vez, está marcado pela saturação das quantidades, ele foi formado dentro de um sistema que priorizava o mestre como instrumento ou agente de uma sociedade a favor da elitização. Então as resistências continuarão com os professores, não importa o argumento que usem, sobretudo com os mais velhos na carreira porque assim lhes foi ensinado e nunca se lhes ensinou o questionamento a respeito daquilo que faziam.

São várias as frentes de trabalho para quebrar essas resistências em defesa da quantidade: primeiro, os governos e as escolas precisam criar sistemas de formação permanente porque o professor não terá dinheiro para pagar sua própria readaptação nas circunstâncias atuais; segundo, as instituições devem manter um sistema de recursos para criar oportunidades de oferta de encontros de grupos para congressos e simpósios de educação; terceiro, os órgãos públicos precisam oxigenar os seus mestres por meio de cursos contínuos, criando sistemas de formação tão permanentes quanto as escolas; quarto, fazer o que alguns governos já estão fazendo em seus países, colocando sistemas de educação à distância para atualizar seu corpo docente e melhorar a qualidade do ensino.

37

Para melhorar tudo isso, os administradores da educação não podem esquecer a necessidade de preparar as pessoas para manejar os instrumentos de modernidade que chegarão às escolas. Esses instrumentos são úteis como ferramentas. Em si, não têm valor, a não ser se ajustados por pessoas que avaliem seu uso e utilidade.

Veja abaixo a relação de itens e marque um ponto para cada um daqueles que você domina:

1. Sei manejar um vídeo para gravação de filmes de TV.
2. Sei instalar um vídeo numa TV para operá-lo depois.
3. Sei manejar um vídeo para assistir a um filme alugado na locadora.
4. Sei trabalhar com um computador para digitar textos.
5. Sei preparar provas e exercícios no computador.
6. Sei gravar meus trabalhos em computador nos disquetes.
7. Uso corretamente um retroprojektor.
8. Sei usar um computador acoplado a um sistema multimídia.
9. Sei manejar materiais de vídeo para um telão.
10. Sei usar aparelhagem de CD.

38

11. Sei fazer a preparação de transparências para uso em retroprojektor.
12. Sei confeccionar um álbum seriado.
13. Sei usar um flanelógrafo.
14. Já fiz algum curso sobre computação.
15. Manejo o editor WORD.
16. Estou acoplado (a) à Internet.
17. Tenho condições de acessar outras bibliotecas via Internet.
18. Sei usar e transmitir mensagens via fax.
19. Tenho acesso a uma revista sobre educação a cada mês.
20. Tenho acesso a uma revista sobre educação a cada semana.
21. Nos últimos seis meses li, pelo menos, dois livros sobre educação.
22. Nos últimos seis meses li, pelo menos, quatro livros sobre educação.
23. Nos últimos seis meses participei, pelo menos, de um curso de atualização em educação.
24. Nos últimos seis meses participei, pelo menos, de mais de um curso de atualização em educação.

39

25. Tenho formação de professor em curso de segundo grau.
26. Tenho formação de professor com estudos adicionais.
27. Tenho formação de professor em cursos de licenciatura curta.
28. Tenho formação de professor em cursos de licenciatura plena.
29. Tenho formação de professor em cursos de pós-graduação.
30. Já consegui fazer imprimir uma apostila sobre assuntos de educação (ensino e pesquisa) com pelo menos, dez páginas.

Contagem de pontos:

A - Resultados de 0 até 5 ()

B - Resultados de 6 até 10 ()

C - Resultados de 11 até 15 ()

D - Resultados de 16 até 20 ()

E - Resultados de 21 até 25 ()

F - Resultados de 26 até 30 ()

Se a sua situação corresponde ao grupo da letra A, você está muito aquém do desejado para enfrentar uma situação de mudança. Poderá ser um bom professor do passado mas está carecendo de entrar em contato com elementos importantes da comunicação e modernidade. Corra atrás o mais rápido que puder.

Se a sua situação corresponde ao grupo da letra B, você começa, ligeiramente, a ter interesse em evoluir para o próximo século, ou seja, o século XXI. Continue sua caminhada. Você está evoluindo e, em breve, estará no ponto bom com chances de poder ser chamado de professor do século XXI.

Se você estiver no grupo da letra C, seu interesse já ultrapassa o nível mínimo. Você quer melhorar e já está procurando com maior afinco obter êxito. Estabeleça metas a serem atingidas. Quanto mais bem preparado estiver, melhor para você, seus alunos e sua comunidade escolar.

Se você estiver no grupo da letra D, sua performance é de puxar o carro para adiante. Comece a pensar na sua responsabilidade de contagiar os demais colegas no sentido do progresso. Você estará começando a sentir a melhora. Ela será cada vez mais rápida e mais útil

ao seu meio. Parabéns pela sua luta. Estou aqui para incentivá-lo cada vez mais.

Se você estiver no grupo da letra E, sua vida e dedicação ao magistério demonstram que você tem vocação para essa profissão. É de pessoas assim que o magistério precisa. Vá adiante. Seu estágio é tão avançado que você já deverá estar colaborando com seus colegas na melhoria da performance deles. Feliz da escola que tem você como professor. Sua experiência e conhecimentos farão com que os elementos saturantes dos programas e currículos possam ser mais bem dimensionados.

Se está no grupo da letra F, você é um herói desconhecido! Mantenha esse conhecimento a serviço dos outros, saia do ninho e revele para os demais tudo o que você sabe, incentive seus colegas, participe de grupos de desenvolvimento humano, transforme o meio educacional em que vive porque sua capacidade é muito grande e seu interesse maior ainda. Seu limite é o tamanho de suas idéias!

Diante da boa comida e da boa bebida *nossa boca* se enche de saliva. não somos o *cão* de pavlov mas temos o direito de saborear, fomos feitos com o paladar justamente para esse fim. o aluno precisa ter a oportunidade de saborear cada conteúdo que estuda e cada experiência que vivencia. devemos recriar o sabor do estudar e o sabor do aprender.

Capítulo 5

Afinal, o que é qualidade?

Vivemos o momento da qualidade. Ouvimos falar em qualidade total, ISO 9.000 e muitos outros elementos de controle de qualidade dos produtos e serviços oferecidos a vários tipos de consumidores. Qualidade é a linguagem da moda e a educação, como acontece com a sociedade, vai incorporando essas palavras, depois incorpora conceitos e acaba falando mal dos conceitos que usa.

Numa linguagem atualizada dentro dessa configuração, a escola passou a ser chamada de empresa, os que nela trabalham são funcionários, os alunos são clientes, assim como seus pais, e o aluno, agora cliente, depois de ensinado, torna-se o produto daquela escola, agora chamada de empresa.

Uma empresa voltada para os programas de qualidade treina seus funcionários, assim uma escola empresa deste final de século deve treinar seus professores. Alguns ainda usam a expressão reciclagem como se pudéssemos tratar os mestres como um lixo intelectual. Na verdade, o que se recicla é o lixo, aquilo que jogamos fora.

Uma outra concepção de qualidade está voltada somente para as ferramentas. Assim, escola sem computador não tem qualidade, escola sem telão e vídeo não é uma escola de qualidade, se não se vê uma antena parabólica ou a Internet não se acredita na qualidade daquele estabelecimento de ensino.

Aqui valem muitas reflexões a respeito da qualidade: se a qualidade é medida pelas ferramentas disponíveis, bastaria algum investimento em máquinas modernas e teríamos uma escola adaptada aos tempos modernos do final do século ou, então, prontinha para entrar no terceiro milênio; outra: bastaria oferecer os resultados escolares via computador ou proporcionar às famílias um sistema *on line* para consultas de notas e apontamentos disciplinares dos alunos para termos tudo resolvido.

Mas com tudo isso e apesar de tudo isso, por que não se consegue a qualidade numa escola, apesar da

modernidade dos aparelhos? Diria o velho escritor: "é óbvio, meu caro Watson", lá dentro trabalham pessoas, numa troca constante e artesanal de experiências humanas, portanto, em determinados momentos, apesar de todas as máquinas, se faltar o elemento humano, não teremos possibilidade de criar, de imaginar, de desenvolver a intuição e a percepção. Não se trata, dentro de uma escola, de vendermos de modo tecnicamente perfeito um quilo de matemática, dois quilos de português e três quilos de geografia.

Caberia, neste momento, uma reflexão sobre os estudos de Illia Pregogini, um físico russo, sobre a lei da precessão. O que poderia acontecer com duas partículas que se chocassem num ângulo de noventa graus? Certamente nenhuma das duas partículas seria a mesma depois do choque. Pois bem, na questão social e da educação, quando dois seres humanos se encontram e suas idéias se chocam, eles serão diferentes e será imprevisível o que poderá suceder a cada um. Muitas vezes vamos a um congresso sobre avaliação do rendimento escolar e, na realidade, poucas coisas foram acrescentadas a respeito do assunto. No entanto, os encontros entre os educadores, as experiências trocadas provocaram uma transformação jamais possível se o congresso não tivesse ocorrido. Isto é precessão.

Quando falamos de qualidade e perguntamos o que vem a ser qualidade, nós esperamos que essa qualidade, essa excelência, seja, antes de mais nada, uma excelência humana. Há uma diferença entre excelência puramente acadêmica e excelência humana; esta é mais completa que aquela. Máquinas refletem a modernidade, computadores, antenas parabólicas, Internet... tudo reflete qualidade, mas a verdadeira qualidade em educação depende dessa qualidade humana, desse ser humano adaptado aos tempos, capaz de lidar com todos os elementos da modernidade, refletir sobre eles, dialogar com eles, perceber as transformações deles no tempo e no espaço e, ainda, discernir, sobre a validade de cada um nos vários momentos do ato de ensinar e aprender.

Há um conceito moderno muito conhecido das empresas que se chama *Eficácia e Eficiência*. Se eficiência é fazer bem feito, eficácia é fazer o que deve ser feito. Assim, diante de tantos aparelhos, é importante verificar quais os que se adaptam a uma atividade e quais os que não servem para aquele momento. Um excelente professor de sociologia falando para crianças da quinta série do curso fundamental poderá dizer muitas coisas impossíveis de serem compreendidas, as crianças até dirão que o professor fala muito bonito, mas ninguém entenderá nada. Essa aula seria eficaz

para um curso de graduação em sociologia, não para a quinta série onde se encontra esse professor. Só eficiência não basta, é preciso ter eficácia, fazer o que deve ser feito.

Todos nós, no Brasil, conhecemos o samba e o carnaval. Mas notamos, imediatamente, a diferença entre um sambista brasileiro, com sua ginga própria, e a ginga pesada do turista e sambista improvisado, mesmo que ele tenha passado alguns meses treinando numa academia de dança, diante de filmes sobre o carnaval, ao som mais sofisticado da música brasileira. Faltou, enfim, o "tchã" que é próprio de uns e ponto final.

Vamos refletir sobre a sua escola, sua faculdade, sobre a qualidade das aulas, sobre os instrumentos disponíveis...

Enumere, a seguir, os elementos disponíveis para o bom aprendizado dos alunos:

Meus parabéns, você conhece sua escola e sabe, exatamente, o que ela possui. Espero que tire proveito de tudo o que existe lá. Mas, voltando ao que você escreveu, há, por acaso, alguma referência a professores capacitados? Se houve essa referência, sua escola poderá ter qualidade, se você não se referiu a esse aspecto, das duas uma: ou os professores não são capacitados e sua escola é uma lástima, ou, então, você não se deu conta desse fato porque está contaminado por uma idéia errada de qualidade que prioriza a máquina e se esquece do ser humano. Use a sinceridade: em qual delas você se encontra? Não, não se assuste, basta responder a você mesmo; basta contar para um amigo ou amiga de sua confiança.

Uma Pequena História

Martinho era um índio iranche que vivia no Mato Grosso e de lá saiu para a cidade de Cuiabá. Viveu na "civilização", prestou serviço militar, tinha seus documentos como qualquer homem de seu tempo, vivendo numa cidade.

Martinho conhecia o lugar de sua tribo e tinha amigos e parentes lá. Certa vez, visitando a tribo, levou para seu irmão que ainda vivia na maloca um presente que pudesse facilitar a vida e permitir que o trabalho andasse mais depressa. Lezvou para seu irmão um machado de metal, ótimo e pronto para cortar árvores. Martinho imaginou que seu irmão, agora, faria malocas com maior rapidez, prepararia lenha para a fogueira com mais facilidade.

Se ele tivesse conhecido a qualidade total até diria que a tribo do irmão teria crescido em qualidade, merecendo um selo comemorativo. Imaginem a surpresa quando no dia seguinte ele viu o machado dependurado na maloca do irmão.

— Meu irmão, disse Martinho, trouxe-lhe este machado para facilitar a sua vida, para você não levar tanto tempo cortando árvores com machados de pedras...

Ao que o irmão respondeu:

— Meu caro irmão, se eu usar este machado de metal o que vou fazer depois?

Aí está a diferença: a qualidade da vida da cidade incluía uma rapidez diferente da vida na tribo, onde o tempo não era tão exigente. A qualidade da tribo era outra, o irmão de Martinho precisava levar tempo para cortar as árvores e fazer as suas canoas, senão, o que faria depois?

Capítulo 6

A utilidade anima

Se uma pessoa começa a perceber que sua vida é inútil vai se tornando depressiva e cada vez mais desanimada. Quando verifica que faz coisas úteis, melhora sua auto-estima, a alegria contamina todo o seu organismo.

O mesmo acontece com os alunos: se uma aula é cheia de inutilidades, ela consegue desanimar qualquer estudante; se, ao contrário, ele percebe que os assuntos são úteis, sente mais prazer em estudar.

Aqui é preciso quebrar o paradigma tradicional de que o estudo é penoso, de que o trabalho é um castigo, e todos esses tabus transmitidos por várias gerações. Essa cultura da infelicidade é alimentada de coisas chatas e inúteis. Vamos lá, vamos admitir que nossa educação está cheia de conceitos ultrapassados, cheia de cultura espartana que leva as

pessoas ao sofrimento como o velho provérbio latino: *Per áspera ad astra* — só através de coisas difíceis se pode chegar aos pontos mais elevados. Por que não propor alguma coisa que dê mais prazer? Por que não propor uma pedagogia da alegria? Acaso um alpinista tem consciência de que uma escalada é algo penoso ou prazeroso?

Vivemos numa civilização cristã e muitos colégios, até religiosos, se esquecem da pedagogia da esperança. Se temos esperança de atingir a plena glória eterna, felizes junto de Deus criador, por que não propor um caminho, uma trilha que é vencida com alegria de quem tem a certeza da chegada?

É preciso derrubar essa perspectiva negativa de que só o amargor cura. É verdade que a vida tem seus momentos de dissabor, mas aumentar os que já existem normalmente é um contra-senso.

O que fazer, então?

Ir aos programas de cada disciplina e retirar de lá tudo o que não serve mais. Tudo o que está superado, inútil. Vamos ver que muita coisa vai sobrar. Neste momento, alguns dirão: "O que vai restar para ser estudado?" Essa pergunta está temperada de uma terrível incapacidade de transformação. Se nós retiramos muitas coisas inúteis

de um programa, acabamos de ganhar enormes espaços para inserir coisas úteis. Não estamos acabando com o estudo, nem acabando com os programas e seus objetivos, estamos propondo uma transformação, uma atualização na linha da melhor qualidade e utilidade. Agora, quem não conseguir fazer essa transformação não tem competência para continuar no magistério porque só sabe fazer aquilo que a sua escola há anos vinha fazendo. O argumento dos que não querem mudar é simples: — Se os vestibulares pedem, devemos continuar ensinando desse jeito. Como nossos alunos vão passar nos vestibulares se não souberem os programas todos? É a tal história: fazemos para todos o que vem a atender a 1% dos estudantes. Pode haver maior injustiça?

Os educadores precisam se conscientizar de que chegamos ao limite da resistência. Os alunos não obedecerão mais nem há por que obedecer aos arcaísmos, caprichos de laboratoristas de ensino ou "peruas da pedagogia". Os alunos, vivendo já a realidade virtual, não agüentam mais as aulas expositivas sem processos mais modernos de comunicação e comunicação de modernidade, de atualidade. A manutenção dos programas como estão representa uma coisa muito pior que a

reserva de mercado da informática que deixou este país com um enorme atraso em tecnologia.

Em suma, o que é inútil deve ser banido e, imediatamente, trocado por algo mais útil. Assim, os alunos sentir-se-ão mais motivados e serão mais felizes enquanto aprendem.

Capítulo 7

A atualização motiva

Estudar conteúdos atuais é motivador porque existe uma relação imediata com a realidade da vida. Convivemos com fenômenos físicos, químicos e sociais, entre outros, estudando-os na seqüência das aulas e mostrando a validade do estudo enquanto ele se relaciona com a vida diária.

É importante que cada professor ou orientador pedagógico pense na utilidade daquilo que se estuda. Certa vez um professor de química chamava minha atenção para componentes de conteúdos que não têm mais significado e que eram exigidos no vestibular de uma importante universidade. De fato, o que ocorre em muitos casos é o seguimento sem reflexão de conteúdos exigidos pelas escolas superiores que, por sua vez, por meio de seus departamentos, não os reformulam.

Nossos avós levaram vários anos para ver a mudança do ferro de passar roupa aquecido com brasas ser substituído pelo ferro elétrico. Hoje, as mudanças são mais rápidas, mal chegam a meia geração. Não se pode conceber, portanto, a acomodação do setor educacional ainda tentando manter conteúdos do passado correlacionados à mente de verdadeiros "professauros" em vez de professores.

Por que os alunos gostam da realidade virtual e se ligam na Internet? Por várias razões. A mais importante, porém, está ligada à atualização. Assim como ninguém dá valor ao jornal do dia anterior, a não ser em casos de pesquisa, os alunos também querem coisas bem atualizadas. Isso exige uma velocidade de cada professor adaptada à exigência dos alunos.

Os professores precisam acompanhar essa velocidade. Nós não conseguiremos mudar os paradigmas escolares com os mesmos modelos de nossos avós. Quem não se atualiza, fossiliza-se.

Parece uma frase interessante para comentar, discutir com seus colegas e tirar conclusões. Então, vamos repeti-la para vocês repensarem:

Quem não se atualiza, fossiliza-se.

O professor precisa, sim, perceber que os alunos aceitam facilmente o processo de atualização. Os professores é que precisam se conscientizar de que o processo deverá atingi-los fortemente para que a contaminação atinja a sala de aula.

Num mundo em mutação, conservar não é uma boa solução.

Aqui vale uma outra pequena parada para refletir consigo mesmo e com colegas de sala, escrevendo as conclusões logo abaixo:

Certa vez uma pessoa perguntou-me com ar de sarcasmo o que eu faria se a gasolina acabasse, se não seria o caso de termos um cavalo no quintal da casa. Era a época da crise do petróleo. Nada me restou senão perguntar se o ilustre colega mantinha em seu apartamento um fogão à lenha caso faltasse o gás, se não havia algum sextante nos navios para a falta da bússola, ou, ainda, se não seria prudente

levar velas nos navios para os momentos de falta de combustível.

Isso é muito comum dentro das escolas. As escolas são instituições que ainda acreditam que o mundo anda para trás. Se algum dia não houver petróleo surgirá outra energia mais moderna, a solar, por exemplo.

Falta à escola uma atitude de olhar para a frente, de buscar o futuro, de acreditar no novo, de promover aqueles que se lançam com ousadia na busca das transformações. É isto que falta à escola e aos professores. Portanto, ousem na vida para que vivam na maior amplitude possível e sejam elementos transformadores.

Capítulo 8

A reprovação compromete a Instituição

Enfocar a escola pela ótica da reprovação nada mais é que repetir a atitude negativa que a invadiu há muitos séculos e ainda permanece arraigada na mente dos executores, ou agentes de educação, à revelia dos pedagogos.

Os pedagogos estudaram e estudam a sociedade e fizeram e fazem propostas estribadas em pesquisa educacional. Os agentes de educação, mesmo portando títulos de administradores escolares, olham muito mais os cifrões resultantes das mensalidades - se a escola for particular - ou a opinião pública do bairro — se a escola for pública.

Enquanto o pedagogo é um estudioso de uma situação socioeconômica e sociopolítica e, ao mesmo tempo, uma pessoa que estuda os avanços biológicos do ser humano e seus variados modos de aprender,

os agentes de educação, carregando faixas com o nome de muitos pedagogos, são os reprodutores de um sistema que, muitas vezes, nem sequer questionaram como válido. Levam à frente o sistema para defender o emprego próprio ou de seus companheiros, fazem desse ou daquele modo porque assim aprenderam ou seus chefes mandam fazer.

Nosso sistema social e político, mesmo antes de se falar em neoliberalismo, era excludente. Portanto, a escola, por sua vez, era excludente. Se o processo de acesso a patamares superiores dependia dos diplomas, os poucos sobreviventes do sistema eram premiados porque a competição já estava definida anteriormente.

A escola, por sua vez, se eximia de qualquer culpa, dado o fato de que a exclusão já existia anteriormente pelas desigualdades sociais, pela falta de pluralidade de currículos e pela mentalidade concursista existente entre uma e outra série dentro da mesma escola.

Quando a escola dava atenção somente à nobreza, esta era aquinhoadada com as possibilidades do saber mais que os outros, restando à plebe uma condição de segunda classe. Quando se disseminou a educação e a escola pública invadiu vários impérios, os agentes da educação, enjaulados nos ministérios e nas

repartições públicas, encarregaram-se de manter tais currículos e tais programas tão distantes do povo, com uma linguagem tão defasada da população, que o aprender tornava-se muito difícil. Ou seja, as classes dominantes não interessadas em distribuição de renda, mas defensoras de uma concentração proveniente do comércio ou da indústria, continuariam sempre dominantes porque os pobres teriam grande dificuldade de atravessar uma barreira tão bem disfarçada, onde o aluno é colocado como o grande culpado de seu fracasso, os professores cumpridores dos deveres e a escola, a instituição que fez o seu papel na sociedade, ou seja, podou para que alguns continuassem com o poder.

A escola existia mais para impedir que, propriamente, promover. Assim sendo, a chamada libertação proposta por vários sistemas de educação ficava no papel porque, na prática, não eram mudados os currículos, nem os programas.

A grande luta das classes dominantes em buscar as escolas que tinham uma rigidez programática, uma seleção na sua base piramidal e uma conseqüente aprovação para a universidade tornou-se neurótica em muitas regiões, sobretudo nos países do Terceiro Mundo.

Para essas classes sociais uma escola não importa pelo tipo de cidadão que ela é capaz de formar, mas pela capacidade que ela tem de promover um estudante, mesmo que ele seja orientado a passar por cima de seus companheiros, numa competitividade selvagem aprendida dentro dos muros da mesma escola quando ainda estava com quatro anos de idade e já participava de "vestibulinhos".

Se em todos esses aditivos ainda incluimos uma disciplina rígida, aquela que defende a lei do mutismo, não promove a participação e tem a esfinge da exclusão quando alija o sexo feminino de suas salas de aula, mesmo que essa escola funcione academicamente, ela presta um péssimo serviço à nação pela neurótica distorção que apresenta aos seus estudantes. É machista, é segregacionista, é competitiva de modo selvagem, não se apresenta como solidária embora seja a fina flor dos interesses das elites que acreditam poderem os seus filhos, ao atravessarem essas barreiras, ganhar imunidade suficiente para vencer na vida.

Pois bem, se ganham imunidade, vencem na vida. Esse fato pode ser constatado, porém: vencem espezinhando os outros, usando os demais como escada, sem o mínimo espírito de solidariedade.

Mas para que dizer tudo isso, se o capítulo parece ter um título que leva a outra direção? Simplesmente para que pensemos na força da ferramenta: **reprovação**.

A reprovação está dentro de um contexto, não se trata de fato isolado. As reprovações são culpa da escola, dos alunos, das famílias e de todo um sistema.

Uma empresa moderna costuma trabalhar com dois números básicos: 85 x 15; nela, 85% dos problemas são estruturais e 15% são da matéria-prima.

Não precisa falar, já sei qual a resposta dos educadores influenciados pela filosofia escolástica: *Nego paritatem* - nego a paridade.

A matéria-prima não pode reagir, não tem vontade, enquanto os alunos, seres humanos, podem dizer sim ou não.

Meu caro educador, você já percebeu que esse tipo de argumento é igual ao da empresa de energia elétrica? Quando a conta está errada, o erro é sempre contra o consumidor. Assim, a escola. O aluno sempre diz não ao ato de aprender, é sempre o culpado e a instituição e seus professores são isentos de qualquer culpa. Não parece uma coincidência parecida com a conta de luz? O erro vem sempre numa mesma direção e sentido!

Quando alguém vier com esse tipo de argumento, você pode desconfiar de que se trata de um excludente disfarçado de filósofo competente.

Seria a reprovação um problema de aprendizagem ou um problema de "ensinagem"?

A reprovação é um mecanismo que serve a alguma coisa. O instituto da reprovação reproduz alguma coisa e a manutenção dela pode, perfeitamente, ser a causa da permanência de grandes injustiças. Pense nisso. Talvez seja bom reler todo o capítulo para continuar pensando e refletindo, principalmente sobre o porquê do autor não ter argumentado mais sobre a culpa da escola!!!

Capítulo 9

Os pontos fortes dos alunos

Peter Drucker, em seu livro *Sociedade pós-capitalista*, editora Pioneira, busca em Santo Agostinho, que viveu no norte da África pelos anos 350 d.C, um ensinamento moderno, aplicável a qualquer escola e perfeitamente adaptado às metas de qualquer mestre: *O papel do professor é buscar os pontos fortes dos alunos.*

Se analisarmos a vida dos professores, não teremos dificuldades em verificar que passam, a maioria deles, buscando os pontos fracos. Corrigem erros o tempo todo. Depois de 15 anos de magistério ficam com a impressão de que a educação é um desastre, não tem salvação, e eles próprios sentem-se frustrados.

É incrível que, em nome da boa educação, esses mestres não conseguiram tirar um dia na vida de educadores e avaliar os pontos fortes, aquilo de bom que foi escrito pelos alunos, em qualquer

disciplina. Esse processo também vale para as demais atitudes dos educandos em relação aos demais da escola.

Os erros devem ser corrigidos; no entanto, o mais importante é o acerto e esse precisa sempre ser chamado a atenção para que fique bem fixado na mente do educando. Promover no lugar de reprimir. Promover mais e reprimir menos.

A correção deve ocorrer; porém, existe a correção mais inteligente e a menos inteligente. Conhecemos a menos inteligente: o professor assinala o erro, rabisca bem o que está errado, quando não usa canetas especiais para chamar bastante a atenção sobre o erro. O aluno, então, recebe uma carga forte de comunicação visual para fixar o erro. Quanto ao acerto, este é escrito com caneta normal e cor padronizada, num canto da página, ou, então, escrito no quadro de giz para que o aluno copie. A maneira inteligente de corrigir supõe que o professor, ao fazer a leitura das questões, tenha uma folha ao lado. Em seguida, em vez de assinalar os erros de maneira berrante nos cadernos e provas dos alunos, anota os erros nessa folha. Mais tarde elabora um texto em que aparecem as palavras erradas escritas corretamente. De tanto os alunos olharem para o que é certo, a

correção será feita naturalmente. O erro não foi fixado pelo sistema anterior e, não sendo tão marcado e grifado, perde a força de fixação.

Mas o problema de sempre vai surgir imediatamente: alguns dirão que o professor não corrigiu, alguns pais pensarão que manter os filhos nessa escola é perda de tempo e por aí vai a mesma ladainha de várias décadas. O que querem é que o professor marque os erros. Dizem ser isto uma correção. De fato, esse processo não serve para corrigir, não corrige nada, fixa o erro com facilidade e toma do professor um tempo que poderia ser aplicado num processo mais moderno de correção real de erros: anotar, criar textos com as palavras corretas para forçar a fixação do acerto. Isto interessa. Se algum pai duvidar do processo, envie para a casa dele, mostre em reuniões como funciona o sistema, faça-os ver como a correção é feita. Este tipo de correção com a fixação dos pontos fortes terá um efeito muito mais eficaz que o tradicional.

Vejamos um exemplo de efeito em preto e branco. Se usássemos a tinta colorida seria muito pior.

O aluno escreveu:

Em sima da mesa estava o capato do meu tiu.

Se na correção o professor avivou o erro — sima, çapato e tiu — exatamente como estamos fazendo agora, o leitor já percebe que o erro ficou ressaltado fortemente. O aluno, na intenção do professor, deverá aproveitar essa chamada de atenção para não mais errar, embora, na verdade, ocorra o contrário: ele assimila mais o erro, mesmo corrigindo o que foi grifado e assinalado.

O que propomos:

O professor escreve o seguinte texto

Em cima da mesa estava o sapato do meu tio.

Em seguida, insiste nas palavras grifadas em várias aulas, permanecendo atento ao tipo de erro que os alunos continuam apresentando. Ninguém precisa copiar várias vezes a palavra correta, nem ficar sem recreio repetindo linhas e linhas com a escrita correta da frase. Sem raiva, sem sofrimento, discretamente, trabalhando do lado positivo e correto, o professor favorecerá de modo inteligente o aprendizado. Isto é insistir nos pontos fortes. O restante é procurar as características de cada um, seu modo melhor de aprender e permitir que ele atue assim na medida em que avança no aprendizado. Quanto mais um

aluno aprende conforme seu ponto forte, mais o aprendizado torna-se agradável. É isso mesmo, ninguém precisa aprender sofrendo. A educação necessita com urgência superar essa aura deprimida e deprimente de mortificação no processo de aprender. Se o professor fizer uma experiência assim, garanto que em pouco tempo estará vendo o magistério com outros olhos. Será mais otimista e sua auto-estima estará mais elevada.

Capítulo 10

A escola do futuro

A escola do futuro primará pela substituição da principal falta a ser sentida pelos humanos: o sentimento, a atenção, a compreensão deste ser invadido em sua privacidade pela tecnologia.

A escola do futuro, envolvida pelas máquinas, quando a leitura será feita na tela dos computadores, com livros marcados pelas animações, passará mais pela realidade virtual. Daí a falta das manifestações humanas. 'Nesse momento a escola valorizará o professor, mais que nunca transformado em educador. Quem não se transformar e esquecer-se como ensinante de alguma disciplina, para ser o acompanhante de pessoas em momentos variados da vida, perderá a razão de ser dentro de uma escola.

A escola do futuro voltar-se-á para a tecnologia avançada. Não podemos nos iludir. Será ótimo conviver com esses avanços, aprender a técnica e

dominá-la. As infovias estarão dentro das escolas e as pesquisas em bibliotecas internacionais serão um costume tão simples como telefonar usando um cartão. Podemos dizer que o ato de aprender será mais fácil, muitas serão as oportunidades de rever as matérias e refazer exercícios. Tudo mais simples e, em alguns casos, sem a presença do professor repetidor. Por isso, mais do que nunca, a presença dos educadores será a grande diferença dentro da sala de aula e no espaço da escola. Os educadores serão os formadores de opinião e os formadores da cidadania desses alunos do novo século. Sem eles haverá uma desumanização e o aspecto de um trabalho artesanal pessoa a pessoa deixará de exercer a sua influência, derrubando o mais precioso de nossa humanidade: a capacidade de distinção entre o ser e o não ser.

Apesar das doutrinas políticas e de várias ideologias excludentes, a escola poderá escapar desse estigma. Muitos poderão aprender e aprender mais, a questão da reprovação da não-promoção será um elemento superado porque o contato com os educadores poderá continuar através de vários momentos, via computador, via telefonia com imagem ou pequenas conferências para tirar dúvidas estando cada um em sua casa. Até o chegar à escola numa determinada hora,

coisa que hoje causa problemas de ordem disciplinar, será considerado uma coisa do passado. As relações pessoais aumentarão. Será uma escola onde o número de alunos contará menos que as incidências de diálogos constantes entre educador e educando.

A escola do futuro vai requerer dos educadores uma transformação na linha da humanização. A mudança da busca do ensino—aprendizagem pelo aprender a aprender será um imperativo e os educadores precisarão mudar nessa direção para conservarem o nível do emprego. Como serão as disciplinas do futuro, ainda não sabemos, como será o aprendizado, concretamente, não podemos prever, podemos intuir no sentido de que a inteligência emocional tomará conta das pessoas e as considerações das inteligências múltiplas invadirão currículos e programas. Isto porque as inteligências múltiplas e a inteligência emocional, desenvolvidas, darão mais capacidade às pessoas de enfrentar situações imprevisíveis. O imprevisível será a marca do novo tempo e quem superar a imprevisibilidade sobreviverá.

Estas serão, na intuição do autor, as marcas da escola do futuro. Portanto, educadores, busquem outros paradigmas como o caminho mais seguro para continuar nessa profissão.

Capítulo 11

Mudando paradigmas

Para algumas afirmações, a nossa resposta é pronta, principalmente porque fazem parte dos paradigmas que seguimos em nossas vidas. Vejamos:

- **De grão em grão, a galinha enche o papo.**
- **Devagar se vai ao longe.**
- **Homem não presta.**
- **Tempo é dinheiro.**

Se nossos paradigmas fossem outros, nossas respostas seriam bem diferentes:

- **De grão em grão a galinha morre de fome.**
- **Devagar não se vai a lugar nenhum.**
- **Alguns homens prestam.**
- **Tempo é vida.**

Paradigma corresponde a um conjunto de conceitos formados durante nossa vida. Ante uma questão, respondemos conforme nossa cultura, nossos princípios ou nossos paradigmas.

Na vida do magistério existem alguns paradigmas muito comuns que determinam o comportamento dos professores em relação ao ensino, às avaliações, aos conselhos de classe e ao tratamento dos alunos, de modo geral.

Alguns paradigmas comuns:

- **A alfabetização reprova por falta do pré-escolar.**
- **A quinta série é a peneira da rede.**
- **É melhor reprovar na sétima série para não reprovar na oitava, época da formatura.**

com esses paradigmas cria-se um estigma de reprovação marcando determinadas séries do curso fundamental. Bastaria ao professor das classes de alfabetização dar mais ênfase ao controle motor no início do curso, sem se preocupar com a velocidade, que, certamente, o êxito seria muito maior.

Na quinta série as escolas recebem alunos de procedências variadas. Um trabalho buscando uma aproximação de conhecimento entre os

alunos torna-se necessário para que o paradigma tradicional não justifique a quantidade percentual elevada das reprovações.

O mito da sétima série é um grande absurdo. Todos os paradigmas estão voltados para um comportamento de ensinante negativo. Vê-se a reprovação como meta e, não, o contrário: o aprendizado, o prazer em estar na escola etc. Essa ótica do negativo é que justifica o título deste livro: *Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata*.

Inverter os paradigmas é necessário. Torna-se um imperativo. Olhar a escola e todos os processos de ensino pela ótica positiva do aprender, do promover, do ser cúmplice de seus alunos, na ótica do professor Castor - que citamos em nosso livro sobre avaliação: *Prova, provão, camisa de força da educação* — "é outro comportamento que, se existente, modernizará a escola, se não existir, dificultará, no século XXI, a permanência do professor em sala de aula. Ou mudamos nossos paradigmas ou nos tornaremos professauros."

Paradigmas são conceitos, normas, princípios e toda a sorte de crendices que se introjetaram em nossas vidas e exercem uma força dentro de nosso ser, ora impulsionando, ora impedindo o caminhar na direção da mudança. Os paradigmas

dão segurança em relação ao passado e criam o medo em relação ao novo.

Exemplos:

Para nós, o plástico em contato com o fogo derrete. No entanto, se colocarmos água dentro de um copo de plástico, que antes continha iogurte, podemos levá-lo ao fogo diretamente. Ele será resistente até o ponto muito próximo da ebulição. Isso quebra o paradigma em relação ao plástico ante o fogo.

Um inofensivo canudinho de plástico, desses adquiridos numa lanchonete para server um refrigerante, é capaz de furar uma batata inglesa de tamanho grande, crua, bastando para tanto que a pessoa segure o canudo tapando um dos orifícios para dar mais consistência a ele. Você atravessará a batata fazendo um furo redondo de um lado ao outro.

Quase ninguém acredita nisso porque nosso paradigma não permite.

Na educação são vários os paradigmas que se instalaram e não são fundamentais no aprendizado, são, apenas, convenções: seriação, nota, bimestre letivo, dependência, recuperação em quantidades de determinadas disciplinas etc.

Quando um professor aceita a recuperação somente em algumas disciplinas, ele, na verdade, não aceita o espírito da recuperação. Seria dizer que um paciente entrou num hospital com pneumonia, uma perna quebrada, uma unha encravada, um ciso por extrair e um cálculo renal. O médico diria, na comparação, que só poderia recuperar o doente em dois aspectos. Ele sairia do hospital doente e, talvez, morto.

Na educação é a mesma coisa: o professor que faz recuperação porque a lei obriga, sem perceber que um computador lhe dá a oportunidade de voltar e reaprender a qualquer tempo nos inúmeros *helps* e ajudas do sistema, admite recuperar um aluno em duas disciplinas, abandonando as demais. A saída brilhante que passa pela cabeça desse mestre é o envio à reprovação e repetência no ano seguinte.

E alguns se realizam nisso apenas para pagar, sem perceber, tributos aos paradigmas do passado.

O currículo faz parte do paradigma, estudar logaritmo é paradigmático, não serve para nada, mas é lecionado, reprova alguns e continua não servindo para nada no segundo grau. Matemática financeira, que servirá para a vida toda da pessoa, é deixada para os cursos de Contabilidade como se os contadores fossem menos

nobres que aqueles que se dedicam à formação geral. O que serve fica de lado, o que não serve e ajuda nas reprovações, retenções, dependências é usado à larga porque muitos ainda pensam que a boa escola é a que reprova, como se o bom hospital fosse aquele que matasse.

E assim segue a vida acadêmica marcada por uniformizações, formaturas antes do ingresso em sala de aula. E como os alunos, na medida do desenvolvimento, protestam contra essa parafernália sem sentido, alguns preferem lecionar cada vez mais em séries com alunos de idade mais baixa. Em breve teremos uma grande legião no pré-escolar e um início de debandada do magistério a partir das classes de alfabetização.

O mestre precisa parar e pensar. Esquecer livros. Pensar. Esquecer manias do passado, de seu tempo (coisa terrível essa história de "seu tempo..."). O mestre precisa voltar-se para a utilidade dos conteúdos que ensina e, em seguida, para sua atualidade. O restante é perda de tempo ou escravidão aos paradigmas.

A escola não pode mais depender dos medrosos que fogem da ousadia de viver.

Capítulo 12

Sombreamento

Existem escolas que vivem na sombra. Seus dirigentes têm o poder de jogá-la numa penumbra quase mortal. Não conseguem, nem de longe, energizar a escola. O sombreamento é a situação de nebulosidade e de dúvida em que o estabelecimento de ensino se encontra, mergulhado que está em intrigas, lutas pelo poder, desconfiança entre os educadores e falta de ideal. O pessimismo é o clima predominante, com absoluta falta de metas e de perspectivas, não há entusiasmo, nem desejo de conquista. O ambiente é triste e, sabemos, *nenhuma equipe triste produz*. Assim, a escola sombreada tem uma produtividade muito baixa.

Alguns elementos servem para identificar uma equipe sombreada ou uma escola sombreada. Quanto maior a identidade de sua escola ou equipe com as frases a seguir, mais sombreada será.

Vá marcando as frases:

1. A educação não tem mais jeito.
2. Todos os professores são relapsos e irresponsáveis.
3. Os alunos são indisciplinados. Não temos mais armas para enfrentá-los.
4. A família de nossos alunos está dissolvida.
5. Na escola há muito trabalho e pouca recompensa.
6. Não gosto de repetir, não sou gravador, sou professor.
7. A situação econômica está cada vez pior.
8. Nunca vivemos crise tão grande.
9. Não sabemos por que os outros colégios atraem mais os alunos.
10. Dedicção é coisa do passado.
11. Se o colégio paga, vocês têm de trabalhar.
12. Pagamos, por isso exigimos.
13. É melhor não fazer festa. Para que, se tudo está tão ruim?
14. Nunca vi, entre nós, amizades sinceras.
15. Estamos decaindo cada vez mais.
16. Em pouco tempo vamos falir.
17. Temos de achar os culpados.
18. Como tem gente feia neste colégio.
19. Qualquer reunião, acho um "saco".
20. Mais uma tentativa, só para termos mais uma desistência?

Até 5 respostas levemente sombreado

Entre 6 e 10 muito sombreado

Entre 11 e 16 profundamente sombreado

Entre 17 e 20 necessitando de mudanças radicais (porque a contaminação já é perniciosa e gravíssima. Consulte uma assessoria urgente antes que a escola feche por falta de iniciativa).

Estes casos podem ser recuperados, mas é necessário mudar o código lingüístico das pessoas. Pensando e falando assim, passam a agir desse modo e a viver nesse pessimismo e sombreamento. Os capítulos finais indicarão a reversão.

UMA ESCOLA VIVENDO NA SOMBRA PRECISA DE UMA ILUMINAÇÃO. ONDE ENCONTRÁ-LA? O PRIMEIRO PASSO é reunir todas as atitudes pessimistas e verificar se elas conseguem reverter a situação da escola. Todos devem, na escola, sentir em que clima estão mergulhados. o segundo *passo* é refazer todas as frases para *colocá-las* num ângulo positivo e construir caminhos para esse fim.

Capítulo 13

Abatimento

Depois do sombreamento, dessa convivência com pensamentos tão negativos, a pessoa do educador mergulha no abatimento. Não há quem resista e consiga trabalhar com esperança e alegria nesse clima sombrio.

Quem dirige o seu carro olhando pelo retrovisor terá uma visão daquilo que passou, poderá esborrachar-se numa batida sem precedentes e sucumbir.

O abatimento é o resultado de uma combinação de fatores físicos e psíquicos: sua postura costuma ser recurvada, seu olhar para baixo e o modo de andar lento ocupa os cantos dos corredores da escola; seu psiquismo está abatido, sem ânimo e vontade, seu

cansaço é maior em virtude dos hormônios que suas glândulas lançam na corrente sanguínea por causa do abatimento. A vida tem a impressão de um peso maior que a realidade. Você está pesado, abatido.

Trata-se de consequência natural do processo. Desencadeado o sombreamento, o abatimento é o primeiro sintoma grave. Pior é que os professores levam esse sentimento para dentro da sala de aula e contaminam os alunos.

Contaminados, os alunos passam a achar, sem saber as razões, que a escola é insuportável, chata, um lugar a ser evitado.

Facilmente começam a perder alunos que, como seres humanos normais, buscam recantos mais aprazíveis para viver.

É muito importante considerar tudo isso porque uma escola de primeira linha, sombreada e abatida, renderá menos que outra, otimista, olhando para a frente e possuidora de um corpo docente até menos capaz, mas detentor de grande vontade de acertar e que trata as pessoas como gente, sente o pulsar do ser humano nas suas dificuldades.

Numa escola, o professor é uma peça-chave porque ele está na ponta do sistema e é o formador de opinião. Ele forma opinião até contra ele e a escola, conforme

a sua atitude, suas camisetas, suas falas, seu silêncio, seu não-comprometimento e ausência de cumplicidade.

Um professor aborrecido com a escola por qualquer razão é um potente transmissor de abatimento para os alunos. Ele, sem querer, expulsa os alunos da escola porque os jovens não agüentam tanta lamúria.

Mas a origem da lamúria pode estar na direção ou coordenação, não necessariamente no professor.

As escolas que se encontram nesse clima desenvolvem uma projeção em cadeia: o diretor diz que os professores são os culpados, os professores derramam bile sobre os alunos e no final do ano as salas se esvaziam.

A transferência é o capítulo final de quem deseja descer, o mais depressa possível, desse barco, prestes a naufragar.

Capítulo 14

Prostração

*Abracei o vento como
último momento na praia
e fui dormir tendo o nada
como companhia.*

com a frase que abre este texto vai dormir o educador pessimista. Para ele, o fim do dia de trabalho, quando fecha os portões da escola, é um ato de abraçar-se ao vento e cair, sem companhia, na noite, símbolo de desesperança.

com o desenvolvimento do pessimismo comentado anteriormente é impossível para um educador, consciente de seu papel na humanidade, energizar-se para o dia seguinte. O político nutre-se com a massa popular, os artistas com os auditórios cheios, o circense, enquanto se enche a platéia, deixa ferver o picadeiro, onde se enriquece para o número seguinte, mesmo que o número seja superior a mil realizados em cidades

diferentes. O educador nutre-se na escola, com os alunos, com os outros colegas, também educadores, ali ele se energiza, encontra a razão de sua missão maior: preparar seres humanos para o imprevisível do amanhã, preparar pessoas para entender as demais numa parceria de busca de soluções. Quem não consegue essa nutrição perdeu-se na profissão, não é mais educador, somente poderá dormir abraçado ao nada que construiu no próprio dia-a-dia.

Esse vazio que inunda o ser é a grande sombra de medo dos distantes daquele sabor profissional, somente aceito por quem está realizado, distribuindo satisfação por ter escolhido corretamente seu nicho na sociedade.

A espiral descendente acompanha esse tipo de professor, orientador ou coordenador: pessimismo, prostração, que, por sua vez nos torna prisioneiros da fadiga. Podemos, perfeitamente, ao conversar com esse tipo de educador, perceber o quanto estão cansados. Vivem prostrados.

Cabe aqui a frase de Vince Lombardi: **A fadiga nos faz a todos covardes.**

Essa covardia não habilita ninguém a ser educador. Torna-se importante banir das escolas esse profissional fantasiado de professor pelo mal que fará aos seus alunos e aos seus colegas.

Capítulo 15

Ânimo e persistência

Subimos às alturas por uma escada em caracol.

Francis Bacon

Ganhar a vida não é mais o suficiente, o trabalho deve permitir vivermos a vida também.

Peter Drucker

Nunca é tarde para ser o que você poderia ter sido.

George Eliot

*Temos primeiro de compreender que não há vida sem risco
- e que quando nossa alma é forte, tudo mais é secundário,
até os riscos.*

Elie Wiesel

(sobrevivente do Holocausto)

*Quando cheguei a Auschwitz, estabeleci três princípios: primeiro, sobreviver; segundo, ajudar aos outros;
terceiro, aprender alguma coisa.*

Victor Frankl

(sobrevivente do Holocausto)

*É impossível transformar a escuridão em luz e a apatia
em movimento, sem emoção.*

Carl Jung

É possível ter ânimo e ser persistente. Para tanto, o educador necessita acreditar naquilo que faz, ter metas claras, propósitos firmes. Um educador sem filosofia de vida, sem princípios que norteiem suas ações não conseguirá ser persistente, nem ter ânimo.

A solução dos problemas não está na fuga, no esconder-se, no barganhar, mas no enfrentar a realidade, sendo parceiro dos alunos e da escola.

Um certo sentimento de vingança contra os alunos, sobretudo nos conselhos de classe, como forra contra as "bagunças" que eles fizeram retrata a infantilidade do educador. Ele se coloca numa postura de um *eu-criança* sem perceber a importância de sua ação como *eu-adulto*.

Para se ter ânimo é preciso, em primeiro lugar, ter um conjunto de valores que informem a vida do educador. Sem princípios ou valores não se chega a parte alguma. Chega-se, sim, aonde o vento levar e se houver vento.

A atualidade de nossas escolas retrata um antagonismo importante para ser considerado pelos leitores: pessoas sem valores e princípios de vida ingressam em escolas com forte marca quanto aos valores. Essas escolas que estabeleceram seus marcos referenciais filosóficos, por um lado estão

certas, sobretudo quando explicitam aos pais, alunos e comunidade o seu perfil, mas por outro, esbarram na ausência de valores dos educadores que acabaram de contratar. Entende-se o problema: a crise econômica e a falta de emprego determinam a procura de muitos que batem às portas das escolas aceitando todo o tipo de valor educativo apresentado. Depois começa o problema, não era bem aquilo que se desejava e inicia-se uma batalha entre os que, agora contratados, não querem viver os valores da escola e a escola, de seu lado, querendo fazê-los viver o que eles não querem. Assim, o ânimo e a persistência tornam-se impossíveis. Essas metas serão atingidas quando houver ressonância entre os valores das partes envolvidas: colégio como instituição, educadores e família.

Quando um educador perceber que a instituição tem princípios diferentes dos seus, das duas uma: ou ele estabelece um parâmetro de convivência ou ele muda de escola. Nesse caso, a instituição tem o direito de ter uma filosofia educacional própria e promulgá-la.

É verdade que a democracia é a experiência de vida em meio ao pluralismo. Viver o plural não é a mesma coisa que estabelecer a guerra dos oponentes. Podemos viver o plural e ser persistentes

na busca das mesmas metas. Quando nos colocamos em posições antagônicas criamos uma situação muito complicada para a escola, e os alunos e famílias, nesse meio, transformam-se em marisco. A diferença: esse marisco é móvel e busca outra região com grande facilidade. Geralmente, a região para onde migram é exatamente aquela onde os componentes da educação estão em maior sintonia. As escolas procuradas pelos alunos têm características importantes a serem consideradas porque este capítulo está falando de ânimo e persistência. Modernidade, tecnologia avançada, solidariedade, liberdade responsável, otimismo, ambiente acolhedor e centro de atração. O maior *status* está fortemente definido pelo ambiente acolhedor. Nesses ambientes, pessoas com menor potencial acabam rendendo muito mais.

Uma escola, hoje, necessita estar ligada às transformações do tempo, precisa considerar as evoluções da sociedade. Quanto mais antiga for a sociedade, mais patriarcal ela será. Os velhos são os depositários da sabedoria e do conhecimento e riqueza. Na sociedade agrícola tinham poder os que possuíam terras. Poder político e social. Na era industrial, os donos das máquinas eram os poderosos e reuniam o conhecimento. Na era da informática tem poder quem reúne

conhecimento e conhecimento atualizado. Passamos, agora, a outras situações mais complexas, porém muito claras e diferentes: o quociente de inteligência dá lugar à inteligência emocional, a imaginação e a intuição são grandes potenciais a serem considerados.

Se uma escola está arraigada ao problema do salário de seu pessoal, ela não terá ânimo nem persistência porque ainda considera o professor como mão-de-obra que se compra e se paga, como despesa, na linguagem comum. Na verdade, nas empresas e escolas modernas, o professor pode ser arrolado entre o principal patrimônio. Sentindo-se patrimônio e não despesa, algo que pesa sobre a empresa, ele buscará muito mais os objetivos.

Portanto, para se ter ânimo e persistência é necessário virar o *dia*, pensar a empresa-escola deste final de século como alguma coisa muito além da era das chaminés, daquela segunda onda na visão de Alvin Toffler. A escola precisa ser pensada na linha da informação, da criatividade, da intuição e do sonho.

Capítulo 16

Educação gerada na esperança

Chegamos todos os dias às escolas e somos esperados por educandos de mãos estendidas, nem que seja, apenas, em suas consciências, à espera de um gesto semelhante de nossa parte que reflita o mesmo desejo diante da ânsia de amparo que estas mãos refletem. Mãos urbanas e mãos rurais, mãos calejadas, apesar da idade cronológica, mãos de jangadeiros, de canavieiros, mãos que lidam com o sal, mãos que tocam tamborins e mãos que mendigam pelas cidades, mãos acolhedoras e mãos da violência, todas esperando nossa reação.

É nesse clima que ingressamos nas salas de aula todos os dias. Há uma expectativa em torno de todos nós e os educandos nutrem grandes esperanças, somos o símbolo da esperança para cada um deles. Assim começamos.

A esperança que vivemos nos impele a estendermos as mãos na direção das demais. A esperança nos dá a certeza, incrível certeza, de atravessarmos os problemas e superarmos todos os entraves porque temos metas claras, sabemos dos valores que defendemos e acreditamos naquilo que fazemos. Isso é feito com alegria, porque a felicidade é a única capaz de manter essa alegria, mola-mestra de nossa realização.

Nenhuma equipe produz dentro da tristeza. A tristeza é sinal da falta de esperança. A cara feia, a carranca, a mesma coisa. Somos alegres e felizes porque temos esperança e, por sua vez, a esperança é fruto de uma crença, de uma fé, forte e segura de que estamos criados e em processo de criação, construindo este mundo para melhor. Portanto, nossas mãos se estendem em sinal de solidariedade e ajudam o crescimento dos demais.

Numa visão de Einstein, nós fazemos parte do universo e, se crescemos, o universo cresce conosco. Não estamos sozinhos, existem bilhões de seres humanos e viventes pulsando conosco. Nossa esperança leva a crer que na medida de nosso crescimento há um crescimento proporcional de toda a criação pela solidariedade de todos os entes criados, todos obras do Criador.

Obras do autor

Ensinamos de mais, aprendemos de menos.

Petrópolis: Vozes, 15a ed.

Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo.

Petrópolis: Vozes, 17a ed.

Assinei o diploma com o polegar. Petrópolis: Vozes, 6a ed.

Prova, provão, camisa de força da educação.

Petrópolis: Vozes, 4a ed.

Escola, fé e justiça. Petrópolis: Vozes, primeira ed.

Como vencer na vida sendo professor. Petrópolis: Vozes, 7a ed.

Quem decide pode errar, quem não decide já errou. Petrópolis: Vozes, 3a ed.

Como encantar aluno: da matrícula ao diploma.

Rio de Janeiro: José Olímpio.

Vestibular: eu quero, eu posso, eu vou passar.

Petrópolis: Vozes, 3a ed.

Vídeo: *Programa via Embratel sobre educação e desenvolvimento*; e debate aberto para todo o Brasil.

Vídeo: *Reflexão Pedagógica na Unha da Auto-estima*, conferência para 2.000 professores em Minas Gerais.

Contatos com o autor e conferencista:

Prof. Hamilton WERNECK

Rua Antônio Pereira de Jesus, 161 CEP 28.621-530 - Cônego - Nova Friburgo - RJ Fones:

Residência (24)522-1429 Recados (24) 522-5777

Fax (24) 522-0706 Trabalho (024)523-8000

Celular (27) 989-6286 ramal 349

Agendar as conferências com antecedência de quatro meses

103

Leia e confira...

A nota prende, a sabedoria liberta

A nota prende, a sabedoria liberta discute métodos, processos e mitos que fazem parte da escola, pública ou particular, assim como aspectos da avaliação do rendimento do aluno. Desvela o quadro de exclusão que a atual escola representa, convidando os educadores a se capacitar, revelando a eles os mitos que inconscientemente consideram quando aprovam ou não um aluno. Contém avaliações sobre dois exames polêmicos: o "Provão" e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Como encantar alunos da matrícula ao diploma

Evasão escolar, como enfrentá-la? Como conseguir êxito e atingir metas na administração escolar? Como garantir o sucesso de sua escola? São estes os temas centrais desta obra.

Ousadia de pensar

Este é um livro escrito por e para um otimista. Ele está voltado para todo educador que, neste final de século, tem a coragem de enfrentar o dia-a-dia, marcando presença na busca e na esperança de dias melhores. É também um livro escrito por e para ousados. Pois a ousadia precisa fazer parte da vida do mestre, do educador ou do professor.

co-edição: Ministério da Educação/Governo Federal Os parâmetros Curriculares Nacionais são referenciais de qualidade para a educação brasileira e podem ser utilizados em diferentes ações educacionais como a formação de professores, elaboração de material didático, reelaboração curricular, desenvolvimento de projetos educativos nas escolas, entre outras.

[Coleção Parâmetros Curriculares Nacionais](#)

Completa com 10 volumes

A **DP&A editora** está na rede mundial de computadores. Em nosso site você poderá ter acesso a várias informações sobre a editora, os últimos lançamentos, nosso catálogo, nossos distribuidores e eventos. Nele você poderá obter informações de como comprar direto, sem sair de casa, além de poder se cadastrar para obter informações periódicas de lançamentos e eventos.

DP&A editora

Home page: **www.dpa.com.br** e-mail: **dpa@dpa.com.br**